

Vozes do Deserto e o Livro das Mil e Uma Noites: uma breve aproximação

Mariana Correia Mourente Miguel¹

Introdução

O tema deste artigo é o romance *Vozes do deserto*, o mais recente livro de Nélida Piñon até o momento. Ele é construído em torno da personagem Scherezade, tomada de empréstimo ao *Livro das mil e uma noites*. Além de Scherezade, também aparecem no livro o califa, com quem Scherezade se casa, o vizir, pai de Scherezade, que tenta impedir o casamento e Dinazarda, sua irmã, que lhe acompanha após o casamento, todas estas personagens da conhecida história árabe. O enredo, em linhas gerais, também coincide com o do *Livro das mil e uma noites*. No entanto, é importante salientar logo de saída que Nélida Piñon não se propõe a recontar o *Livro das mil e uma noites* com suas próprias palavras: ela usa este outro texto como um ponto de partida para criar um texto seu. Uma das diferenças fundamentais entre os dois textos é que, no *Livro das mil e uma noites*, o foco recai sobre as histórias que Scherezade conta ao califa, enquanto que no romance de Nélida o foco está sobre a personagem Scherezade e seu drama de precisar fugir à ameaça de morte que recai sobre si desde que se casou com o califa.

¹ mestre em Letras Vernáculas pela UFRJ. Este trabalho foi apresentado no curso de extensão A ficção multifacetada de Nélida Piñon em maio de 2007, na URFJ.

O Livro das mil e uma noites

A história do *Livro das mil e uma noites* começa com o que se costuma denominar “prólogo-moldura”. Nesta história inicial, o leitor encontra os acontecimentos que irão contextualizar o restante do texto. Através deste prólogo, o leitor fica sabendo que a esposa do califa está traíndo com um escravo e que, entre as suas criadas, encontram-se também homens disfarçados de mulheres, que mantêm relações sexuais com as mulheres do califa. Esta traição é presenciada pelo irmão do califa, escondido dentro do palácio, e ele acaba por contar ao califa toda a situação. O califa então decide matar a esposa e as criadas e casar-se novamente no mesmo dia. Na manhã seguinte, ordena a execução da nova esposa, antes que esta tenha oportunidade de traí-lo e casa-se novamente ao final do dia. A rotina – ordenar a execução da antiga esposa pela manhã e casar-se com uma mulher nova à noite – repete-se por longo tempo, até que as mulheres do califado começam a escassear. Revoltada com a situação, Shahrazad decide enfrentá-la e pede ao seu pai, o vizir, para ser dada em casamento ao califa. O vizir tenta convencê-la a não tomar essa decisão de todas as formas possíveis, porém a vontade de ferro de Shahrazad vence e ela se casa com o califa. Armada de um plano que salvará sua vida e a das demais mulheres do reino, do qual participa sua irmã Dinazarda, Shahrazad pede ao califa que ela fique com eles durante a noite, no que é atendida. Cumprindo o combinado, antes que o casal durma, Dinazarda pede à Shahrazad que conte uma história que envolve o califa durante toda a noite. Com a chegada do amanhecer, a narração é deixada em suspenso. A curiosidade de conhecer o final desta história é maior do que o desejo de se vingar das mulheres e o califa decide adiar a ordem de execução de Shahrazad. Seguem-se então as outras noites, todas com a mesma estrutura: Shahrazad retoma a história da noite anterior, deixando-a pelo meio ou terminando-a para começar outra que fica

em suspenso com a chegada do amanhecer, deixando o califa sempre ansioso pelo que ela contará na noite seguinte. Ao amanhecer, Dinazarda sempre elogia as histórias da irmã, dando espaço para que ela prometa algo ainda mais assombroso na próxima noite, caso o califa poupe sua vida. Apesar desta breve menção à sentença de morte que paira sobre sua cabeça ao final de cada noite, esta ameaça permanente não é o foco da narrativa e é mencionada apenas brevemente, no último parágrafo de cada noite e, mesmo assim, esta menção não chega a ocorrer todas as noites, ficando menos frequente à medida que a história avança. É curioso notar que, após o prólogo-moldura, Shahrazad fica praticamente invisível: ela não fala de si e nada é falado a seu respeito. Desde o início de cada noite, ela abre espaço em sua fala para outros personagens, que por sua vez tornam-se narradores de histórias dentro da história. Praticamente nada se descobre de Shahrazad após sua apresentação no prólogo-moldura. Em uma das diversas versões que este texto possui, não há um final para a história de Shahrazad e o livro termina com uma conclusão apenas para as histórias que ela narra. Em outra versão do texto, mais recente, Shahrazad, mãe de três filhos do califa após as mil e uma noites, pede a ele, em nome dos filhos, que revogue definitivamente da sentença de morte que ele jurou dar a cada uma de suas esposas. A esta altura completamente envolvido pelas histórias que Shahrazad narra, o califa concede seu pedido.

Vozes do deserto

Vozes do deserto, embora mantenha, *grosso modo*, o enredo do *Livro das mil e uma noites*, ele traz algumas diferenças substanciais. A primeira delas é que a narrativa já começa quando o califa, tendo descoberto a traição da sultana, puniu esta e deu início à seqüência de execuções que têm por objetivo evitar novas traições. A abertura da narrativa, longe de enfatizar a situação do califa, como o texto

original faz, centra-se na decisão corajosa de Scherezade ao oferecer-se para um sacrifício que, ao mesmo tempo, é um gesto de afronta, ou, como o texto coloca, um “sedicioso holocausto” (PIÑON, 2004, p. 7), já que Scherezade, aos olhos do califa, está simplesmente se sacrificando, enquanto ela e o leitor sabem que este casamento faz parte de uma tentativa de se sobrepor à sua vontade.

Outra diferença que se percebe no confronto entre os dois textos é que, no manuscrito original, o trecho em que Shahrazad decide casar-se com o califa e pede ajuda à irmã Dinazarda é narrado muito rapidamente, sem que sejam exploradas as conseqüências deste gesto: caso seja bem-sucedida, Shahrazad não só continuará viva como também conquistará a liberdade para as demais mulheres do califado, com a suspensão do decreto que ordena suas mortes para proteger a honra do califa; caso seja mal-sucedida, enfrentará a pena de morte, provavelmente levando sua irmã consigo, e a matança de jovens do califado continuará. Shahrazad é quase displicente quando anuncia seu intento, como se o resultado de sua experiência não tivesse a menor importância, como se não estivessem em jogo as vidas de centenas de mulheres:

Certo dia, Shahrazad disse ao pai: “Eu vou lhe revelar, papai, o que me anda oculto pela mente”. Ele perguntou: “E o que é?”. Ela respondeu: “Eu gostaria que você me casasse com o rei Shahriyar. Ou me converto em um motivo para a salvação das pessoas ou morro e me acabo, tornando-me igual a quem morreu e acabou. (p. 49-50 – todas as citações foram feitas a partir da edição de 2005 da Globo)

Já no romance de Nélide Piñon, a decisão de Scherezade é narrada longamente, com detalhes que enfatizam o peso da responsabilidade que Scherezade chama a si e o tamanho monumental da tarefa que se impõe.

Embora acostumada ao deslizar contínuo dos escravos sobre o mármore translúcido, levando e trazendo iguarias, o confinamento com que se defronta naquele cenário de luxo a intimida. Pela primeira vez saída do lar, vê-se ocupando por tempo indeterminado o centro de uma trama que poderia facilmente escapar ao seu controle. (VD, p. 10)

Outra diferença é que, no original, Shahrazad narra suas histórias sem sofrimento: os enredos fluem e parece não haver nenhum esforço da parte dela para garantir que o clímax de cada história irá coincidir com o amanhecer, momento em que o califa precisa deixá-la para cuidar do califado. É como se a tarefa de manter o califa em suspense a tal ponto que ele adie sua sentença de morte fosse algo simples e fácil de ser realizado. Já Nélida conta sua história de tal forma que, ao leitor, fica claro que as histórias parecem fluir com uma naturalidade impressionante aos olhos do califa, mas que este resultado advém de um esforço monumental da parte de Scherezade, tanto para criar enredos e personagens quanto para adequá-los ao tempo de que ela dispõe.

Não se notava em Scherezade o esforço despendido por dotar o enredo com recursos que impedissem o Califa de decretar-lhe a morte, se quisesse de fato acompanhar o desenvolvimento do amor do bandleiro e da princesa. (VD, p. 27)

Sob o ardil de véus diáfanos, o olhar de Scherezade vaga, ultrapassa o rosto do Califa, consulta as estrelas. Através das janelas em arco, a via estelar constitui uma cartografia onde lê histórias que adiciona ao seu repertório. (p. 29)

Finalmente, uma das diferenças mais marcantes entre a história do *Livro das mil e uma noites* e *Vozes do deserto* é o seu final. No *Livro das mil e uma noites*, a suspensão definitiva da ameaça de morte acontece quando Shahrazad é mãe de três filhos, e é concedida justamente devido a esta circunstância. Em *Vozes do deserto*, Scherezade alcança sua libertação unicamente devido à sua competência em envolver o califa em histórias e, através delas, mudá-lo.

Violência

A forma pela qual Scherezade modifica o comportamento do califa merece uma análise mais detalhada, já que ela se vale da força de suas narrativas. O romance se abre com um parágrafo repleto de palavras que remetem a um mundo impregnado de violência:

Scherezade não teme a morte. Não acredita que o poder do mundo, representado pelo Califa, a quem o pai serve, decreta por meio de sua morte o extermínio da sua imaginação. (VD, p. 7)

Teme, morte – usada por duas vezes nesta curta passagem – *poder, decreta, extermínio*: são todas elas palavras que refletem um mundo dominado pelo medo da violência, violência esta que tem como fonte o califa. No entanto, Scherezade deixa claro logo de saída que seu objetivo não é sobrepor-se ao califa acirrando ainda mais o nível de violência já alto: ela irá neutralizar a violência através da palavra:

[...] mesmo vivendo no palácio imperial, não assumiria o papel de alguma célebre meretriz de Bagdá, preparada para consertar o corpo gasto do amante com receitas mágicas, poções milenares. Mesmo que

em sua bagagem de saberes houvesse fórmulas e rituais capazes de prodigalizar um sexo com desempenho excepcional. [...]

Sua sina não era vencê-lo na cama, mas superá-lo ao iniciar a primeira história. (VD, p. 19)

Sua meta consistia em extrair-lhe o sossego mediante emoções contraditórias, em deslocá-lo do sexo para as palavras, em impingir-lhe a lenta agonia advinda da sua manha narrativa. (p. 43)

Cabe aqui notar que o sexo, nesta narrativa, está claramente ligado à violência, o que dá especial relevo ao trecho “deslocá-lo [o califa] do sexo para as palavras”. As descrições do ato sexual feitas por Nélida neste livro enfatizam bem seu caráter de conquista hostil, de subjugação da mulher pelo homem:

[...] Scherezade retornou ao Califa [de seu devaneio] justo no instante em que ele, arrancando-lhe a peça íntima, expunha, à luz da lamparina, seu púbis escuro, em cuja fenda cerrada introduziu, de um só golpe, o membro autoritário. (VD, p. 20)

O termo “autoritário”, além de fazer referência à violência, também transmite um noção de liberdade, pois quem detém autoridade pode fazer escolhas, tomar decisões. O califa, como chefe muçulmano, é dono de um harém e pode fazer com suas mulheres o que desejar. Mais ainda: sendo um homem extremamente poderoso, pode até mesmo requisitar as favoritas de outros homens sem que isso lhe acarrete qualquer problema, como no episódio em que solicitou a favorita do tio sem pedir licença ou desculpas e não recebeu dele uma reprimenda sequer (VD, p. 21). No entanto, esta apa-

rente liberdade para escolher qualquer mulher que deseje é enganadora, pois esconde uma realidade da qual o califa, a princípio, não consegue se esquivar. O califa é observado em todos os seus atos pela corte, não tendo qualquer direito à privacidade. Logo, ele é forçado a representar o papel social que dele se espera, como homem rico e chefe do califado. Para adequar-se às expectativas que a corte tem dele e, conseqüentemente, ser respeitado por ela, o califa não pode demonstrar qualquer emoção, que poderia ser interpretada como um sinal de fraqueza e usada contra ele:

Menino ainda, bastava-lhe requisitar uma favorita a vir ao leito, para divulgar-se quantas vezes entrara ele, sôfrego, no ventre da fêmea. Até mesmo o instante em que, após alcançar o orgasmo, tombara desfeito ao lado da parceira.

O acirrado controle dos cortesãos acionara-lhe o instinto de defesa, dando-lhe pretexto de jamais revelar, a quem fosse, a natureza das suas emoções. E era com esta decisão em mente que montava o corpo da concubina, apressado por gozar, por livrar-se de sua companhia. Logo devolvendo a mulher ao harém sem uma só prova de carinho. (VD, p. 21)

Há muito suas concubinas, afeitas às suas convenções, abandonam os aposentos em seguida ao coito. Pois não aprova ele qualquer manifestação ostensiva de apreço, tais como enviar-lhe sinais amorosos sob forma de recados, lenços bordados, flores secas. Os caprichos femininos não o sensibilizam. (VD, p. 15)

O texto constrói assim uma divisão marcada entre o comportamento feminino, representado pelas concubinas, com tendência a dar mostras explícitas de seu afeto, e o comportamento masculino,

representado pelo califa, pronto a eliminar qualquer manifestação afetiva que o envolva. Às mulheres são associadas a sensibilidade, a fragilidade, a natureza (representada no trecho anteriormente citado pelas flores secas), enquanto que, ao califa, são associadas a virilidade, o desprezo pelo sentimentalismo, o sexo como um ato quase mecânico, uma obrigação a mais a ser cumprida por ocupar o lugar de califa. Nesta divisão marcada, deve-se ainda notar, os elementos associados ao gênero feminino são sempre aqueles considerados negativos ou de alguma forma inferiores àqueles associados ao gênero masculino. Vê-se, por exemplo, que às mulheres é vedado o direito de escolha no que se refere à seleção de parceiros ou à realização do ato sexual; já os homens têm o direito de fazer estas escolhas e devem ser sempre prontamente atendidos.

Esta situação, delineada no romance de Nélida, lembra a idéia da economia simbólica proposta por Pierre Bourdieu em seu livro *A dominação masculina* (1999). Este autor estudou a estrutura e a organização de diversas sociedades, especialmente aquelas de lugares mais remotos e com menor comunicação com as sociedades ocidentais que conhecemos, chegando à conclusão de que as sociedades apresentam estruturas de dominação onde se inscrevem tudo e todos: pessoas, objetos, atitudes, funções na divisão do trabalho. Estas estruturas de dominação têm uma dupla atuação, já que servem para a dominação dos indivíduos, confinando-os em um dado papel social previamente estabelecido e, ao mesmo tempo, naturalizam, aos olhos dos membros destas sociedades, as próprias estruturas de dominação, tornando quase impossível que o dominado se dê conta de sua situação e lute contra ela. Imersos nestas estruturas, os indivíduos internalizam a dominação e passam a se considerar culpados pela sua situação de dominação, contribuindo para que ela se agrave e perpetue. E, como todos os elementos da sociedade estão inscritos nesta economia simbólica, o reforço da disciplina imposta sobre os corpos é permanente, gerando um círculo vicioso, como explica Bourdieu:

As mulheres [...], estando situadas do lado do úmido, do baixo, do curvo e do contínuo, vêem ser-lhes atribuídos todos os trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos, ou até mesmo invisíveis e vergonhosos, [...] e, sobretudo, os mais sujos, os mais monótonos e mais humildes. Pelo fato de o mundo limitado em que elas estão confinadas, o espaço do vilarejo, a casa a linguagem, os utensílios, guardarem os mesmos apelos à ordem silenciosa, as mulheres não podem senão tornar-se o que elas são segundo a razão mítica, confirmando assim, e antes de mais nada a seus próprios olhos, que elas estão naturalmente destinadas ao baixo, ao torto, ao pequeno, ao mesquinho, ao fútil etc. (1999, p. 41)

Embora a dominação também abarque outras dimensões, como a social, a cultural e a econômica, no centro desta economia simbólica, como raiz da dominação, estão os gêneros, feminino e masculino, bem definidos com base em uma oposição mútua: o que pertence a um gênero é subtraído ao outro. É importante notar que aqui se fala em gênero feminino e masculino, e não em sexo feminino e masculino. Sexo, como vários autores definem, está relacionado com as características biológicas de cada indivíduo, sendo determinado pelo DNA, pelos órgãos genitais que a pessoa possui e pelos seus hormônios. Como característica biológica inerente ao ser humano, não se altera durante sua vida, a não com o recurso a um procedimento cirúrgico drástico. Já o gênero é uma construção social, ou seja, suas características são definidas pela sociedade e, portanto, variam de uma sociedade para outra. As características dos gêneros podem se manter estáveis por um longo período de tempo, mas podem ser – e chegam a ser – modificadas.

No entanto, esta modificação é complexa, tanto quanto a sociedade dentro da qual o indivíduo vive. Como a dominação é baseada em uma oposição entre os gêneros, e o gênero faz parte da identidade de cada pessoa, a fuga da dominação pode ser traiçoeira. É possível citar como exemplo as protagonistas criadas pela romancista inglesa Charlotte Dacre. Dacre é uma autora gótica, que viveu na época do Romantismo. A tradição do romance gótico apresenta uma nítida diferenciação entre os gêneros no que tange à violência: ela é cometida quase que exclusivamente pelos homens e suas vítimas, quase sempre, são as mulheres. Charlotte Dacre procura, nos seus romances, reverter esta situação, e faz suas protagonistas cometerem atos de extrema violência. No entanto, esta tentativa de reverter os papéis de gênero e ocupar a posição privilegiada (a do masculino), é sempre mal-sucedida, e as protagonistas terminam mortas ou abandonadas, como é o caso da protagonista de *The Libertine*, que se traveste de homem para matar a esposa do homem que ama e acaba desprezada por ele, tendo que abandonar a cidade onde vivia.

Conclusão

Voltando a *Vozes do deserto*, vemos que Nélida Piñon lida com a questão da violência de uma outra forma, com resultados bem mais satisfatórios: Scherezade não se deixa enredar no jogo de violência proposto pelo Califa, e usa dos próprios instrumentos de dominação para alcançar seu objetivo. Um exemplo claro na narrativa é o do uso do véu, vestimenta típica das mulheres muçulmanas. Frequentemente visto pelos ocidentais como uma forma de opressão, pois torna a mulher invisível e limita seus movimentos, o véu adquire, com Scherezade, uma nova dimensão. Ela se aproveita do fato de ninguém poder ver seu corpo ou

seu rosto através do tecido para criar em torno de si uma atmosfera de mistério, que fortalece a sedução exercida por suas narrativas sobre o Califa. Além disso, vendo sem ser vista, Scherezade aproveita para examinar atentamente o Califa em busca de sinais de cansaço ou enfado e para examinar o céu, que consulta como um cronômetro que lhe informa quanto tempo lhe resta para desenvolver suas histórias. É interessante notar que o final do romance é positivo para todas as personagens: Scherezade fica livre da ameaça de morte e do casamento; Dinazarda ocupa o lugar de Scherezade na cama, como ela queria desde o início; Jasmine passa a ter voz, o que não tinha como simples escrava; e o Califa supera a traição:

[...] graças às suas suntuosas descrições recuperara o ânimo de viver. O califado já não lhe parecia tão enfadonho quanto antes. Sem mencionar que aprendera a perdoar as mulheres, graças às histórias de Scherezade considerar homens e mulheres parceiros narrativos. (VD, p. 349)

E, nessa modificação do comportamento do Califa pelas narrativas, encontra-se a maior aproximação entre *Vozes do deserto* e o *Livro das mil e uma noites*: esta era uma coleção de “histórias exemplares”, com o objetivo de corrigir o comportamento do ouvinte através da correção do comportamento de uma das personagens, o que de fato se realiza em *Vozes do deserto*.

Referências Bibliográficas

ANÔNIMO. **Livro das mil e uma noites (volume 1 – ramo sírio)**. Trad. Mamede Mustafá Jarouche. São Paulo: Globo, 2005.

- _____. **Livro das mil e uma noites (volume 2 – ramo sírio)**. Trad. Mamede Mustafá Jarouche. São Paulo: Globo, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- PIÑON, Nélida. **Vozes do deserto**. Rio de Janeiro: Record, 2004.